



PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DA CLIENTELA ATENDIDA NO PLANTÃO PSICOLÓGICO SPA FAFICH UFMG NO ANO DE 2019

SOCIODEMOGRAPHIC PROFILE OF THE CLIENTS ATTENDED AT THE PSYCHOLOGICAL DUTY SPA FAFICH UFMG IN 2019

Gabriela Maria Leroy Viana

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil
gabimleroy@gmail.com
ORCID: 0000-0002-1140-6220

Joana Buschini Brentano

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil
buschinijoana@gmail.com
ORCID: 0000-0002-9070-2107

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil
paulo.e.evangelista@gmail.com
ORCID: 0000-0001-9691-6141



RESUMO

O Projeto de Extensão Plantão Psicológico no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) tem se mostrado importante para a saúde mental da comunidade interna da UFMG, em função da disponibilidade dos alunos-plantonistas para acolher aqueles que estão sofrendo quando procuram por atendimento psicológico. O objetivo deste estudo é descrever e analisar o perfil sociodemográfico dos atendidos no Plantão Psicológico do SPA da FAFICH UFMG no período de junho a dezembro de 2019. Para isso, realizou-se análise documental das fichas de cadastro de clientes atendidos pelo serviço. Foram atendidas 146 pessoas, das quais 90 eram do sexo feminino e 56, do masculino; a maioria com idade entre 18 e 21 anos; 118 eram alunos da graduação da Universidade, a maioria entre 3º e 7º semestres. Poucos técnicos (2) e terceirizados (1) e nenhum professor procuraram pelo serviço. Apenas 7 clientes foram encaminhados para outros serviços. Os resultados convergem com outras pesquisas da mesma natureza.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Perfil Sociodemográfico, Saúde Mental, Clínica-escola de Psicologia.

ABSTRACT

The Psychological Duty Extension Project at the SPA has proved important for the mental health of the internal community of UFMG, due to the availability of students-on-duty to welcome those who are suffering when seeking psychological care. The aim of this study is to describe and analyze the sociodemographic profile of those assisted in the Psychological Duty of the SPA FAFICH UFMG from June to December 2019. For this, we carried out a documentary analysis of the registration forms of clients served by the service. A of 146 people were attended, of which 90 were female and 56 were male; most are between 18 and 21 years old; 118 were undergraduate students of the University, most of them between 3rd and 7th semesters. Few technicians (2) and outsourced (1) and no teachers sought the service. Only 7 clients were referred to other services. Results converge with other research of the same nature.

Keywords: Psychological Duty, Sociodemographic Profile, Mental Health, University Psychology Clinic.

O Plantão Psicológico, fundamentado na fenomenologia existencial, refere-se à disponibilidade do plantonista para acolher as pessoas que estão sofrendo e que procuram pelo atendimento psicológico (Nunes & Morato, 2008; Evangelista, 2016a). A procura pelo atendimento, segundo Evangelista (2016a), diz de uma "situação em sua vida que interrompe a familiaridade cotidiana e aponta para a intranquila condição de poder-ser e ter-que-ser" (p. 147). Ao entrar em contato com a pessoa que sofre, cabe ao plantonista manter-se aberto para a "experiência do cliente, perscrutando os sentimentos, impressões, pensamentos que ocorrem nesse encontro como matéria-prima compartilhada, sem caminhos preestabelecidos" (Breschigliari & Jafelice, 2015, p. 233), buscando junto a ele compreender o que está se passando.

Em função dessa compreensão da situação vivida, o plantonista trabalha no sentido de aproximar aquele que busca pelo atendimento no Plantão Psicológico daquilo que o está fazendo sofrer, como forma de clarear a sua perspectiva (Mahfoud, 2012; 2013; 2018). A partir dessa aproximação, novas possibilidades de enfrentamento disponíveis no próprio fazer do usuário, que, por ora, estavam encobertas pelo sofrimento, podem ser desveladas durante o atendimento psicológico. Assim, ao acolher a demanda, nota-se que o foco de atenção da escuta dos plantonistas se volta a como o atendido está experienciando a situação que o faz sofrer, isto é, "os recursos subjetivos e do entorno sociopsicológico de que dispõe para cuidar de seu sofrimento, bem como as expectativas e perspectivas que se apresentam a partir da busca de auxílio" (Schmidt, 2004, p. 174). Com isso, ao se orientar pela fenomenologia existencial, o Plantão Psicológico, de acordo com Evangelista (2016a), objetiva "possibilitar apropriação do momento existencial e destinação do atualmente vivido que, rompendo a tessitura cotidiana, estagna a existência no esforço impossível de recuperar uma 'identidade' perdida" (p. 155). Esta forma de cuidado proporcionada pelo Plantão Psicológico tem sido cada vez mais implantada nas universidades públicas do Brasil, visto que a saúde mental dos estudantes universitários tem se mostrado como uma questão de grande importância e de preocupação (Cerchiari, Caetano & Faccenda, 2005). A origem dessa modalidade está relacionada ao serviço de aconselhamento psicológico da USP, no final da década de 1970 (Eisenlohr, 1999) e, desde então, tem sido um importante dispositivo de atenção psicológica à comunidade e de formação para graduandos em Psicologia (Morato, 2015). Na Universidade Estadual de Campinas, em 1987, surgiram atendimentos psicológicos e psiquiátricos por meio de "grupo de encontro; primeira entrevista; psicoterapia de grupo; psicoterapia individual; psicoterapia de família; psicoterapia de casal [...] e trabalho de prevenção em saúde mental aos alunos regulares de graduação e pós-graduação" (Cerchiari *et al.*, 2005, p. 257).

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o serviço de Plantão Psicológico foi reaberto no final de junho de 2019, após um hiato de 3 anos em razão da aposentadoria do professor que o coordenava. Destina-se a atender alunos, servidores técnico-administrativos e terceirizados da Universidade, sendo que a vasta maioria de usuários tem sido de alunos da graduação, conforme será explicitado.

A reabertura do Plantão Psicológico contou com uma equipe composta por 14 alunos de graduação em Psicologia da UFMG e dois supervisores. Os atendimentos aconteciam todas as quintas-feiras no segundo andar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), de forma gratuita. Para ser atendido, era preciso se dirigir à secretaria do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), fazer a inscrição – colocando o nome, período, vinculação com a UFMG e horário de chegada – e aguardar pelo atendimento na sala de espera do SPA. A partir do meio-dia, os inscritos começavam a ser chamados em ordem de chegada.

Os atendimentos eram realizados por uma dupla de plantonistas, o que ocasionava suporte mútuo, maior liberdade para quem busca pela escuta colocar-se em relação (Nunes & Morato, 2020), além de fornecer à supervisão as experiências distintas de ambos a partir da mesma situação. As duplas eram escolhidas previamente com o auxílio do supervisor, sendo que se dava preferência para a formação de duplas compostas por um homem e por uma mulher para que o(a) atendido(a) se sentisse mais à vontade. A formação das duplas também seguia como critério o período em que os alunos plantonistas estavam no curso: um aluno em período mais inicial do curso e um aluno que estaria em período final do curso. Posteriormente, o critério passou a ser a experiência no Projeto de Extensão, sendo a dupla formada por alguém iniciante com outra pessoa que realiza há pelo menos 6 meses essa modalidade de atendimento.

Mahfoud (2018) define que "o Plantão Psicológico se pauta principalmente no momento do encontro, confiando que a elaboração da experiência potencializada ali pode abrir perspectivas para o processo da pessoa também no futuro" (p. 63). Assim, propõe-se que cada pessoa seja atendida uma única vez, mas, caso sinta necessidade e/ou vontade de retornar, ela será atendida provavelmente por duplas de plantonistas diferentes da anterior, a fim de manter o caráter de encontro único. Braga, Mosqueira & Morato (2012) lembram que este tipo de intervenção psicológica se funda em outro paradigma que o modelo clássico da Psicologia clínica psicoterapêutica. Afirmam que: "os atendimentos sustentam-se entre fala/escuta tensional do plantonista e de quem sofre: uma modalidade da clínica psicológica não estruturada, como tradicionalmente, apenas para atender agilmente queixas pautadas pela temporalidade estrita, mas distinta pela procura urgencial daquele que sofre" (p. 558).

Após cada atendimento, a dupla de plantonistas formada por alunos extensionistas da graduação em Psicologia preenchia uma ficha com dados de identificação e um relatório do atendimento. A estrutura deste relatório aproxima-se do proposto por Amatuzzi (2001) como "versão de sentido", isto é, o foco não era um relato objetivo do ocorrido, mas um relato da experiência vivida pelo plantonista no encontro com este(a) outro(a) que procurou atendimento. Cabia descrever: 1) o que apareceu no atendimento; 2) as intervenções feitas; 3) como o usuário aparecia para os plantonistas; 4) percepções e sentimentos que iam se dando ao longo da conversa; 5) aquilo que foi discutido na supervisão; 6) como se deu o fechamento do atendimento. Ao longo da escrita, os plantonistas se voltavam novamente para o momento do atendimento, o que proporcionava um novo olhar para como ele aconteceu, mostrando-se como um momento potente e importante para a reflexão.

Historicamente, o serviço de Plantão Psicológico é um importante dispositivo de saúde mental da universidade, já que pode ser visto como um espaço de "acolhimento aos estudantes [...] para que estes percebam que não estão sós e que têm apoio de pessoas qualificadas e de colegas que também passam por situações semelhantes" (Perez, Brun & Rodrigues, 2019, p. 364). O relatório conclusivo da Comissão Institucional de Saúde Mental da UFMG (CISME/UFMG), publicado em agosto de 2016, revelou dados alarmantes acerca do grau de sofrimento psicológico de alunos, servidores técnico-administrativos e professores da Universidade. Situações como dificuldade de pertencimento institucional, constrangimento, homofobia, falta de informação e de locais de acesso em momentos de crise, solidão, invisibilidade, falta de comunicação dentro da própria Universidade, cobrança excessiva de produtividade científica, prazos curtos para produção intelectual, assédio moral e sexual, corporativismo hierárquico, burocracia institucional, jogos de poder, preconceito social e racismo

foram algumas das causas associadas a sofrimento psíquico e ao desenvolvimento de sintomas e comportamentos que levam a graus diversos de adoecimento (CISME/UFMG, 2016).

Os dados do CISME não são discrepantes de outras pesquisas sobre sofrimento mental de universitários. A pesquisa de Ariño & Bardagi (2018), com 640 graduandos de universidades brasileiras, realçou correlação significativa entre a qualidade da vivência universitária e a sensação de desempenho com ansiedade, estresse e depressão. Lameu, Salazar & Souza (2016) encontraram níveis de estresse em 50% da amostra de universitários da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com maior ocorrência em mulheres, estudantes que moram em residências universitárias e que têm menos convivência com a família. Barroso, Oliveira & Andrade (2019), analisando a população universitária da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, constataram índice superior à média brasileira para episódio depressivo maior e sentimentos de solidão presentes em quase metade da amostra, com maior prevalência entre estudantes de ciências humanas, nos anos iniciais do curso, e entre mulheres. Na pesquisa de Carvalho, Bertolini, Milani & Martins (2015), com universitários ingressantes e concluintes de uma IES do Noroeste do Paraná, foi encontrada ansiedade de nível médio em 64,65% dos entrevistados e alto em 5,48%. Gomes, Comonian & Araújo (2018), em pesquisa qualitativa, encontraram sentimentos de solidão e isolamento, tristeza, medo, insegurança, ameaça, competitividade entre os alunos, falta de contato afetivo com os professores e percepção de que apresentam maior demanda por notas e sucesso quantitativo do que compromisso com o aprendizado e o desenvolvimento. Demais estudos sobre sofrimento mental de universitários corroboram-no e indicam níveis preocupantes de ideação suicida, distúrbios alimentares, uso excessivo de álcool, maconha e uso destes em concomitância a psicotrópicos (Rios *et al.*, 2019). Todas as pesquisas retrocitadas concluem pela necessidade de atenção psicológica a essa população. Além disso, alguns afirmam a necessidade de a Universidade promover atividades que favoreçam a socialização e o lazer, a construção de uma sensação de pertencimento, de apoio pedagógico e de planejamento de carreira.

Apesar das informações preocupantes em relação à saúde mental de universitários, "apenas cerca de um terço dos alunos com problemas de saúde mental procura ajuda formal", afirmam Rios *et al.* (2019). Brown (2018) propõe que aconselhamento psicológico, terapia psicodinâmica, terapia breve e terapia integrativa são os serviços com melhores resultados, mas esbarram na capacidade de cuidado individualizado das universidades. Vale destacar que o Plantão Psicológico é uma modalidade de aconselhamento psicológico e que os demais podem ser oferecidos pelos serviços-escola das universidades.

A saúde mental de professores universitários também é motivo de preocupação. É uma categoria profissional das mais sujeitas a sofrimento mental (Sena & Lima, 2021). Tostes, Albuquerque, Silva & Petterle (2018) atribuem o aumento do sofrimento mental de professores à "acentuação da exploração e precariedade das condições de trabalho" (p. 90) em razão de desvalorização de seu trabalho, desrespeito dos alunos, baixo salário, alta carga de trabalho e pressão por metas de produtividade. Lim & Lima-Filho (2009) e Brasil *et al.* (2016) apresentam dados convergentes. Massa *et al.* (2016) encontraram que 25% de professores universitários testados para Síndrome de Burnout apresentavam sintomas compatíveis com esse diagnóstico, enquanto Costa, Gil-Monte, Possobon & Ambrosano (2013), 14,2% em sua amostragem.

Os servidores técnico-administrativos e funcionários terceirizados apresentam sofrimento mental como a população geral. Além disso, como agentes no mundo institucional da

UFMG, podem vir a sentir os impactos dos modos de ser nesse contexto, tal como descrito no CISME; ou seja, estão também sujeitos a sofrerem por assédio, corporativismo, burocracia, jogos de poder, preconceito social e racismo. Os terceirizados ainda recebem os impactos da instabilidade própria desse modelo de relação trabalhista. Os serviços-escola ou clínicas-escola desempenham importante papel no cuidado psicológico com a comunidade, em geral, e com a universitária, em específico.

No serviço de Psicologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) relata-se terem sido atendidas queixas psicológicas de universitários relativas a problemas acadêmicos, de relacionamento, conflitos emocionais, sintomas ansiosos, depressivos e de estresse entre 2015 e 2018 (Matta, Câmara & Bonadiman, 2019). Pinho (2016) relata como principais queixas apresentadas por universitários, no serviço-escola de uma universidade particular do meio oeste paranaense, déficits de habilidades sociais, transtornos depressivos e de ansiedade. Essas pesquisas utilizaram métodos quantitativos e transversais.

Em relação ao que se apresenta na literatura sobre serviços de Psicologia oferecidos por clínicas-escolas, alguns dados do perfil sociodemográfico podem ser destacados. Entre eles, foi observado que a maior procura se dá por pessoas do sexo feminino (Peres, Santos & Coelho, 2004; Souza & Bartilotti, 2018; Cerchiari *et al.*, 2005; Souza, Coelho & Migliorini, 2015). Segundo Peres, Santos & Coelho (2004), as idades predominantes daqueles que procuram por atendimentos psicológicos em clínicas-escolas estão entre 19 e 22 anos (84%), cenário que também é identificado no estudo de Cerchiari, Caetano & Faccenda (2005), sendo que pessoas com 19 (46%) e 20 (42%) anos são os que mais procuram por serviços de Psicologia. Os estudos de Souza & Bartilotti (2018) e de Souza, Coelho & Migliorini (2015), apontaram, com um recorte diferente, as respectivas faixas etárias como maior procura: de 19 a 45 anos, com 42% dos atendimentos, e de 17 a 21 anos com 62,7% dos atendimentos. Em relação ao período, Peres *et al.* (2004), apontam que os alunos de períodos iniciais (53%) procuram mais por atendimentos psicológicos. A vinculação com a universidade da maior parte dos usuários é apontada por Cerchiari *et al.* (2005), sendo observado que 85% dos atendidos eram estudantes. Por fim, entre os encaminhamentos realizados, os estudos de Peres *et al.* (2004) e de Souza & Bartilotti (2018) apontaram para uma maior parcela do público atendido sendo encaminhada para serviços de psicoterapia individual, respectivamente 31% e 84,8%.

O objetivo deste artigo é analisar e descrever o perfil sociodemográfico do público atendido pelo serviço de Plantão Psicológico do Serviço de Psicologia Aplicada da FAFICH UFMG, no período de junho de 2019 a dezembro de 2019, isto é, desde a sua reabertura até o final do ano com o encerramento do semestre letivo.

Método

Trata-se de uma pesquisa descritiva quantitativa realizada a partir de fonte documental (Luna, 2011). Segundo Gil (2002), "as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno" (p. 42). Sendo assim, este estudo tem como objetivo descrever as características sociodemográficas da comunidade interna da UFMG atendida no Plantão Psicológico entre junho e dezembro de 2019. Embora o período compreendido seja curto, os dados fornecem importantes indicações da demanda por atendimentos psicológicos da comunidade a quem se destina, propiciando o desenvolvimento de serviços mais correspondentes a ela. Os documentos analisados foram as fichas de cadastro feitas ao final de cada atendimento no Plantão Psicológico.

Nas fichas de cadastro, as informações recolhidas pelos plantonistas dos atendidos foram: 1) nome completo; 2) data de nascimento; 3) sexo; 4) estado civil; 5) e-mail; 6) endereço residencial completo; 7) vinculação com a Universidade; 8) unidade e departamento acadêmico; 9) período do curso; 10) se era a primeira vez no Plantão Psicológico; 11) como ficou sabendo sobre o Plantão Psicológico. Posteriormente, ao final do atendimento, os plantonistas completavam a ficha de cadastro com um breve relato da queixa psicológica escutada, assim como um espaço para escrever o encaminhamento, caso existisse. As informações contidas nessas fichas eram tabuladas em planilha de Excel pelos próprios alunos-plantonistas, a partir do preenchimento de um formulário online e de fichas em papel, entregues para armazenamento no SPA da FAFICH UFMG.

Assim, para este estudo, os pesquisadores padronizaram a escrita de cada categoria de informação de modo que fosse possível fazer a contagem a partir da ferramenta de criação de gráficos do Excel. Além disso, algumas informações foram reorganizadas de forma a tornar mais claro o uso dos dados: a partir da data de nascimento, utilizamos a ferramenta do Excel para chegar na idade das pessoas – na data em que foram atendidas – e os períodos da graduação foram sintetizados em 'início' (1º ao 2º), 'meio' (3º ao 6º) e 'fim' (7º em diante).

Com os dados em mão e organizados na tabela, os pesquisadores os analisaram a partir de uma estatística descritiva. Para fins deste estudo, foram feitas as análises das seguintes informações que constavam na ficha de cadastro: 1) sexo; 2) idade; 3) vinculação com a Universidade; 4) período do curso; 5) como ficou sabendo do Plantão Psicológico; 6) se era a primeira vez no Plantão Psicológico – dado este utilizado para identificar se houve retorno para novo atendimento. Somado a isso, por meio das datas de atendimentos, foram levantados os momentos de procura no semestre pelo serviço. Por fim, os pesquisadores fizeram o levantamento dos encaminhamentos que foram realizados.

Para garantir o sigilo de quem busca por esse serviço-escola, os pesquisadores não copiaram os nomes dos usuários, somente suas iniciais. Isso foi necessário para identificar o retorno de usuários ao serviço. Por se tratar de análise documental, a pesquisa foi dispensada de aprovação pelo Conselho de Ética.

Essa análise do perfil das pessoas que foram atendidas no Plantão Psicológico no SPA, em 2019, integra o Projeto de Pesquisa Fenomenologia Existencial e Prática Psicológica, o qual foi contemplado com um financiamento pela Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG, pelo edital Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém-contratados pela UFMG (Edital 09/2019). O financiamento foi destinado à bolsa de iniciação científica de duas discentes do curso de graduação em Psicologia da UFMG.

Resultados e discussões

No prontuário arquivado do Plantão Psicológico, datado entre 06 de junho de 2019 (início dos atendimentos) a 05 de dezembro de 2019 (último atendimento do ano), consta que foram atendidas um total de 146 pessoas vinculadas à UFMG e foram realizados 167 atendimentos nesse período. Neste número de atendimentos, incluem-se os atendidos que voltaram para um novo encontro no Plantão Psicológico, isto é, retornaram espontaneamente para um novo atendimento. Com isso, foram 156 primeiros atendimentos. Houve 21 retornos, realizados por 13 pessoas.

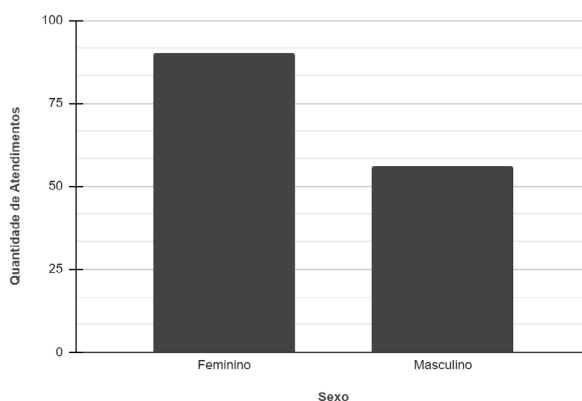
Tabela 1 – Momento de Procura pelo Plantão Psicológico no Semestre

Mês da Procura	Quantidade de Atendimentos
Junho	12
Julho	3
Agosto	50
Setembro	31
Outubro	48
Novembro	20
Dezembro	3

Fonte: Tabulação de dados feita pelos pesquisadores a partir das fichas de cadastro arquivadas no SPA

Outro dado recolhido indica os momentos de procura pelo Plantão Psicológico ao longo do semestre, conforme pode ser visto na Tab. 1. Foi possível identificar que os meses de agosto e de outubro apresentaram uma maior demanda de atendimentos, respectivamente 50 e 48 atendidos. Enquanto os meses de julho e dezembro tiveram apenas 3 atendimentos cada. Uma hipótese sobre esse fenômeno da procura pelo atendimento é de que o mês de agosto, normalmente, é o mês de volta às aulas, encerrando-se o período de férias, quando se volta com todas as obrigações e prazos a serem cumpridos na universidade, ao passo que, em dezembro, as disciplinas já encerraram e muitos alunos não vêm mais à universidade. Além disso, podemos discorrer sobre os alunos calouros, os quais estão iniciando uma nova etapa na vida, a qual aparece com novos desafios, rompendo com a familiaridade do cotidiano (Coulon, 2017; Evangelista, 2016b) vivido até então. Outubro marca a aproximação do fim do semestre, quando o desempenho acadêmico e a autoeficácia do estudante são postos à prova, por meio de trabalhos acadêmicos e atividades avaliativas que apontam para o sucesso com a aprovação no semestre ou para o *fracasso* com a reprovação, ressaltando assim a pressão pelo desempenho. Conforme Ariño & Bardagi (2018, p. 49), “a percepção da sua competência pessoal para a carreira escolhida, são fatores que podem acarretar prejuízos para saúde mental do estudante”. Gomes *et al.* (2018) também confirmam isso. Assim, “a formação de nível superior também é percebida como um momento de transição entre a vida estudantil e a vida profissional, o que coincide com sentimentos de insegurança e de incerteza sobre o futuro” (Perez *et al.*, 2019, p. 363).

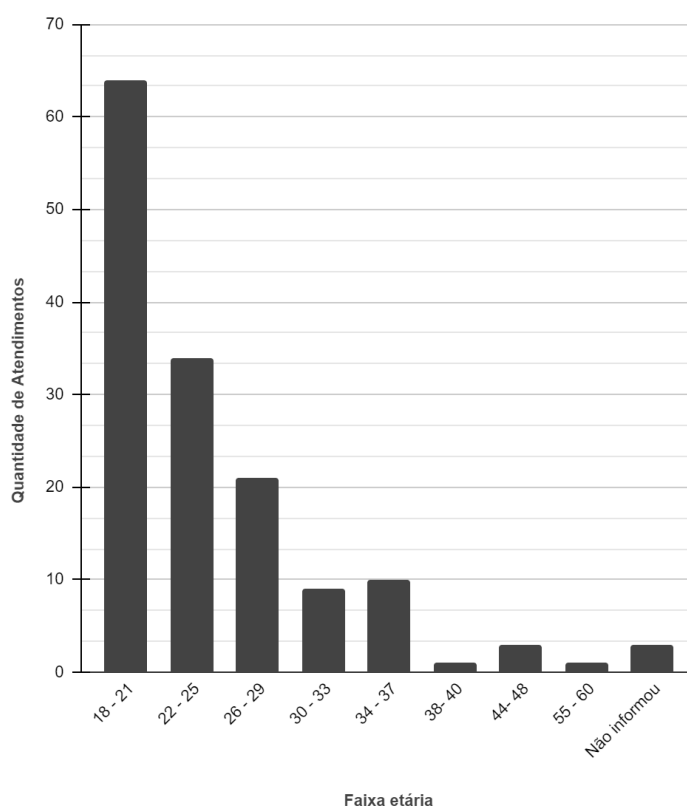
Figura 1 – Quantidade de Atendimentos – Critério: sexo



Fonte: Tabulação de dados feita pelos pesquisadores a partir das fichas de cadastro arquivadas no SPA

Focando, desta feita, nas características específicas da clientela que procurou pelo Plantão Psicológico em 2019, podemos apontar, de acordo com a Fig. 1, que indica a quantidade de atendimentos pelo critério sexo, inicialmente, que entre os 146 atendidos, 90 eram do sexo feminino e 56 do sexo masculino. Esse dado revela que a maior procura por atendimento psicológico se deu por mulheres, fato esse que se mostra presente em pesquisas sobre usuários de outros lugares que oferecem atendimentos em clínica-escola (Peres *et al.*, 2004; Cerchiari *et al.*, 2005; Souza & Bartilotti, 2018;). Barroso *et al.* (2019) e Lameu *et al.* (2016) encontraram maiores índices de sintomas psicológicos em mulheres, o que pode estar relacionado à maior procura por atendimento psicológico constatada em nossa e em outras pesquisas de perfil sociodemográfico. Carvalho *et al.* (2015) sugerem que as mulheres vivenciam obstáculos maiores que os homens no ingresso em uma carreira e para conseguir independência econômica. Lameu *et al.* (2016, p. 20) vão nessa mesma direção, sugerindo maiores "cobranças da sociedade em relação à mulher que soma às sobrecargas da carreira (profissional ou acadêmica), as exigências pessoais, biológicas, hormonais, sexuais e sociais".

Figura 2 – Quantidade de Atendimentos – Critério: faixa etária



Fonte: Tabulação de dados feita pelos pesquisadores a partir das fichas de cadastro arquivadas no SPA

Como pode ser visto na Fig. 2, a faixa etária em que se encontra a maioria daqueles que procuraram pelo Plantão Psicológico está entre 18 e 21 anos, sendo representada por 64 pessoas. Pensando que na nossa sociedade há uma tradição que, ao concluir o Ensino

Médio, o(a) aluno(a) deve fazer o vestibular, a fim de tentar ingressar em um curso superior, a faixa etária mais atendida abarca essa população, recém-chegada à universidade (Peres *et al.*, 2004; Cerchiari *et al.*, 2005). Coulon (2017), teorizando sobre o ingresso do estudante em uma universidade, demonstra que é necessária sua afiliação ao novo contexto social, isto é, a incorporação de modos de ser e habitar esse mundo. Esse novo contexto social marca, também, o início da vida adulta que situa o aluno diante de novas demandas e responsabilidades a serem cumpridas (Penha, Oliveira & Mendes, 2020).

A afiliação constrói um *habitus* de estudante, que permite que o reconheçamos como tal, que o insere em um universo social e mental com referências e perspectivas comuns e, como a permanência da categorização é a condição de todo laço social, também com a mesma maneira de categorizar o mundo (Coulon, 2017, p. 1247).

Segundo esse autor, esse processo é difícil, pois exige a decodificação e a incorporação de sistemas simbólicos tácitos compartilhados no mundo universitário. Isso ocorre após a estranheza de abandonar o sistema simbólico familiar e ingressar num novo contexto, ainda não familiar. O autor sugere a não afiliação como importante causa de sofrimento mental, fracassos e abandonos (Coulon, 2017).

Tabela 2 – Vinculação dos Atendidos com a UFMG

Vinculação com a UFMG	Quantidade de Atendidos
Aluno(a) de Graduação	118
Aluno(a) de Doutorado	12
Aluno(a) de Mestrado	7
Servidor(a) técnico	2
Terceirizado(a)	1
Aluno(a) de Especialização	1
Professor(a)	0
Não Informado	5

Na Tab. 2, a qual revela a vinculação dos atendidos no Plantão Psicológico com a UFMG, é possível observar que a grande maioria encontrava-se cursando graduação, sendo representada por 118 atendidos. Cabe-nos salientar que a população de alunos(as) de graduação gira em torno de 32 mil (UFMG, 2020). Enquanto isso, as baixas procuras por servidores técnico-administrativos (2) e terceirizados (1) chamam a atenção. O que nos leva a questionamentos: como o Plantão Psicológico chega para eles? Eles sabem que também fazem parte da comunidade UFMG que pode ser atendida? Como podem ser alcançados? A divulgação do serviço é muito importante e se recomenda que seja feita em linguagem acessível e correspondente à população atendida (Mahfoud, 2012). Estaria sendo direcionado o Plantão Psicológico aos alunos de modo imperceptível?

Outro ponto que também pode ser por nós abordado, é a não demanda de atendimentos por parte dos(as) professores(as). Apesar de representarem cerca de 3 mil pessoas da comunidade interna da UFMG, um número que é relativamente pequeno em comparação ao número de alunos(as) de graduação, não houve nenhum pedido de atendimento por parte dessa população, apesar de vivenciarem sofrimento mental (Lim & Lima-Filho, 2009; Brasil

et al., 2016; Tostes, Albuquerque, Silva & Petterle, 2018; Sena & Lima, 2021). A baixa procura da parte dos professores e demais funcionários converge com os achados de Cerchiari *et al.* (2005) acerca da procura por serviços psicológicos no serviço-escola universitário. Lim & Lima-Filho (2009) constataram, em amostra de 189 professores de universidade federal, que somente 3,1% recorriam a psiquiatras e 7%, a serviços psicológicos. Concluíram, então, que "os professores não têm consciência que desenvolveram doenças durante a atividade profissional, não percebendo, principalmente, os sintomas relacionados à exaustão mental e emocional" (p. 74). Será o mesmo na UFMG? Outra hipótese é que, diferentemente dos alunos, podem recorrer ao Departamento de Atenção à Saúde do Trabalhador (DAST) da UFMG, onde são atendidos por profissionais e inseridos numa rede de cuidado à saúde mental e física mais articulada que a do Plantão Psicológico.

Tabela 3 – Período que os Alunos da Graduação da UFMG Cursavam Quando Foram Atendidos no Plantão Psicológico

Período da Graduação	Quantidade de Alunos
Início (1 e 2º semestres)	38
Meio (3º ao 6º semestres)	50
Final (7º em diante)	24
Não Informado	6

Fonte: Tabulação de dados feita pelos pesquisadores a partir das fichas de cadastro arquivadas no SPA

Restringindo a análise apenas ao grupo de alunos(as) de graduação da UFMG, a equipe de pesquisadores elaborou uma divisão para demarcar o período da graduação em que cada estudante se encontrava, como pode ser visto na Tab. 3: início (1º e 2º semestres); meio (3º ao 6º semestres) e final (7º semestre em diante). Essa divisão seguiu as seguintes ponderações: o primeiro ano é o inicial de descoberta da vivência acadêmica universitária; o meio, o que envolve as experiências de aprofundamento no curso; e, o final, é o marcado pela proximidade da formatura e, possivelmente, saída da universidade. Como propõe Borges (2020), analisando o ingresso de estudantes na universidade,

é possível apreender que a existência do jovem está naturalmente propensa a intensos conflitos e tensões que desafiam a sua aguçada necessidade de formação da identidade. O funcionamento psíquico nesse período predispõe a uma certa dificuldade de flexibilização e abertura frente a alguns desafios que se apresentam e o sofrimento se faz presente em vários momentos. A entrada na universidade pode intensificar ainda mais essa crise ao colocar o jovem perante uma série de mudanças e novas exigências em diferentes âmbitos da sua vida. Ele se vê diante de uma diversidade de possibilidades e precisa fazer suas escolhas (pp. 17-18).

Passado o estranhamento inicial com o novo universo universitário (período 'início'), o estudante pode construir um cotidiano universitário (período 'meio'). Quando se aproxima da conclusão do curso, pode, novamente, ter que se preparar para ingressar no mercado de trabalho (período 'final') e se despedir da vida estudantil que o marcou até então. Outra hipótese, levantada por Peres *et al.* (2004), é de que a maior procura, feita por alunos de peri-

odos iniciais, está relacionada ao fato de muitos serem de fora da cidade onde está sediada a universidade, sentindo também o impacto da mudança, da saída da casa dos pais e da inserção na nova cultura (afiliação).

Um dado que se mostra importante para o Plantão Psicológico é o como as pessoas que o procuram ficaram sabendo de sua existência. Esse dado nos revela como a comunidade interna da UFMG tem conhecimento sobre o projeto. Destacamos, portanto, que a maioria dos atendidos soube do Plantão Psicológico por meio de amigos (33,8%) e pelas mídias sociais (24,8%), como *Instagram* e *Facebook*. Outras formas interessantes de se deparar com o Plantão Psicológico foram por meio do colegiado do curso (2,1%) e do *site* da UFMG (2,1%) – o que pode indicar um cuidado da instituição com o aluno –, assim como pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP), instituição que presta assistência estudantil aos alunos de baixa condição socioeconômica da UFMG (5,5%). Cabe-nos, ainda, apontar que 2,8% de quem foi atendido no serviço ficou sabendo por meio de cartazes espalhados pela Universidade. No entanto, o Plantão Psicológico atual não utiliza desse meio para divulgar seus atendimentos psicológicos, o que revela as raízes deixadas pelo serviço de Plantão Psicológico, anterior ao ano de 2019.

Tabela 4 – Encaminhamentos Realizados pelo Plantão Psicológico

Encaminhamentos Realizados	Quantidade de Atendimentos
Sem Encaminhamento	160
Retorno Marcado ao Plantão Psicológico	1
Ambulatório de Psicoterapia para Idosos	1
Psicoterapia no SPA	1
Departamento de Atenção à Saúde do Trabalhador (DAST)	2
Instituição de Acolhimento à Fibromialgia	1
Psicoterapia Particular	1

Fonte: Tabulação de dados feita pelos pesquisadores a partir das fichas de cadastro arquivadas no SPA

Dos 167 atendimentos realizados de junho de 2019 a dezembro de 2019, na Tab. 4 é possível observar que 160 não tiveram encaminhamentos. Ou seja, somente 0,4% dos atendidos foram encaminhados. Na maioria, foram para atendimento psiquiátrico na rede pública (CERSAM). De acordo com Morato (2009):

considerando o caminhar próprio do cliente e não uma direção prévia do plantonista ao atendimento, baseada no modelo consultorial, ambos podem transitar pelo pedido e queixa manifestados, avaliando os possíveis melhores passos a seguir como desdobramentos desse encontro. Tal atendimento pode ou não ser continuado, dependendo da decisão do cliente de prosseguir cuidando de si. É por essa compreensão que o plantonista pode abrir a possibilidade de retorno ao plantão, esclarecendo que o movimento é de quem procura e não de quem o recebe (pp. 34-35).

Das 146 pessoas atendidas, treze retornaram espontaneamente para outras sessões. Esse dado sobre quantos atendimentos se enquadram como retorno evidencia uma carac-

terística do Plantão Psicológico da UFMG, o qual propõe estar sempre disponível para caso o atendido queira retornar para um novo atendimento. Ao manter essa abertura, há uma proposta de ele se perceber com a escolha de ir ao atendimento ou não, o que já aparece como alguém que *pro-cura*, indicando a raiz etimológica dessa palavra: "em latim, cura tem o significado de cuidar" (Pompeia & Sapienza, 2004, p. 156), concepção compartilhada por Morato (2006) a respeito do Plantão Psicológico. Quem procura o serviço psicológico já se movimenta em direção a cuidar de sua existência. Acontece, assim, a possibilidade de o usuário apropriar-se do que está experienciando (Morato, 2006).

Uma característica do Plantão Psicológico é a sua proposta de atendimento único, evitando a realização de encaminhamentos, pois, para estes, seria necessário que o serviço e, principalmente, a entrevista psicológica se estruturasse como triagem (Breschigliari & Jafelice, 2015; Morato, 2006; Mahfoud, 2012). O objetivo do atendimento é aproximar-se da pessoa, não do problema. A proposta do plantão aproxima-se da metáfora de uma árvore grande que faz uma sombra e, nela, a pessoa é acolhida, experimentando assim um momento de pausa na rotina da vida para um descanso, um momento de pausa para olhar para si mesmo (Aun, 2005). Nesse sentido, o Plantão Psicológico se propõe a ser esse momento de autocuidado de quem procura por atendimento, já que a própria pessoa identifica existir em si um sofrimento, para o qual ela precisa de atenção psicológica e, então, o Plantão Psicológico passa a ser uma ocasião de autocuidado assistido. Além disso, os índices dos usuários – que foram ao Plantão Psicológico – mostraram-se mais altos por indicação de amigos, o que sugere que estes podem ter sido atendidos e, por terem se sentido cuidados e cuidando de si mesmos, indicaram o serviço aos amigos.

Entretanto, há situações em que o Plantão Psicológico mostra-se limitado na capacidade de intervenção psicológica. Nesses casos, é pertinente buscar com a pessoa que busca pelo atendimento, dentro de suas possibilidades, o direcionamento a outro serviço mais correspondente à sua demanda, tornando premente a articulação com a rede de políticas públicas (Vieira & Boris, 2012). Quando articulado em rede, o Plantão Psicológico pode ser um importante dispositivo na estratégia da clínica ampliada, conforme propõem Amorim, Andrade & Branco (2015). Segundo esses autores, a atividade "realiza acolhimento, garante acessibilidade ao serviço de saúde mental, focaliza a prevenção e atua junto à comunidade, além de valorizar o trabalho interdisciplinar" (p. 146); nesse sentido, é possível implementá-lo na atenção básica, por exemplo.

É possível dizer que a disponibilidade do Plantão Psicológico para a comunidade interna da UFMG, por si só, já é terapêutica, conforme propõem Rebouças & Dutra (2010). Os clientes que ficaram sabendo do serviço por meio de cartazes comprovam isso, pois contavam com o serviço e quando julgaram que precisavam, procuraram-no. Mas esses cartazes foram deixados por equipes anteriores do Plantão Psicológico e houve um hiato de 3 anos até a reabertura relatada neste artigo. Isso significa que só por estar disponível um projeto que proporciona atenção psicológica, ao qual a pessoa pode recorrer se e quando quiser, a comunidade já se sente amparada e isso propicia movimentos de enfrentamento das situações de sofrimento que poderiam motivar o atendimento; se a pessoa decidir que precisa da Psicologia, sabe onde recorrer. Além disso, segundo Mahfoud (2012), o ato de se inscrever para um atendimento em Plantão Psicológico, já se desvela como envolvimento em uma situação terapêutica, visto que "propicia ao cliente configurar com mais clareza seu pedido de ajuda" (p. 28).

Neste sentido, esse serviço apresenta-se como importante dispositivo da universidade para o cuidado da saúde mental da comunidade.

Ao proporcionar atendimentos psicológicos sem a necessidade de passar por uma triagem prévia (Breschigliari & Jafelice, 2015; Morato, 2009), o Plantão disponibiliza-se para as mais variadas demandas. Mahfoud (2012) pondera que os serviços-escola, na articulação entre ensino, pesquisa e extensão, tendem a atender demandas muito especializadas, deixando de lado muitas formas de sofrimento existencial. Com esse serviço, consegue-se atender às mais variadas demandas psicológicas da comunidade universitária. É, pois, um serviço psicológico aberto “para a diversidade, pluralidade e singularidade da clientela que chega e uma exposição do serviço às suas demandas” (Schmidt, 2015, p. 411). As pesquisas sobre saúde mental de universitários mostram índices significativos de estresse, ansiedade, depressão e uso excessivo de substâncias, mas esses são uma parcela, não a totalidade dos modos de sofrimento psicológico de universitários. Segundo Rebouças & Dutra (2010):

nem todo mundo que procura um serviço psicológico quer ou precisa de psicoterapia; talvez o que eles precisem seja um contato verdadeiro e acolhedor naquele momento, no qual as pessoas se sintam realmente ouvidas e à vontade para colocar o que quer que lhes esteja afligindo, e assim, poderem ampliar o seu nível de consciência e de clareza sobre o que estão vivenciando (p. 20).

Nesse sentido, o atendimento pode ser um modo de promover a inclusão do universitário, de vivenciar um encontro afetivo, de sentir que a universidade ou alguém dela se preocupa consigo. O Plantão Psicológico realiza a intervenção no momento da procura, assim como faz uma recepção da pessoa que precisa de cuidado em um dado momento; a partir das “narrativas da clientela: escuta experiência e histórias que demandam compreensão” (Morato, 2009, p. 31), independente do grau ou tipo de sofrimento psicológico. Nem sempre o que o usuário precisa, procura ou pode naquele momento é a psicoterapia, que tende a ser o encaminhamento padrão da clínica-escola (Mahfoud, 2012), como confirmam os levantamentos de Peres *et al.* (2004) e de Souza & Bartilotti (2018) ao mostrarem, respectivamente, que foram encaminhados para psicoterapia individual 31% e 84,8%. Essa modalidade de aconselhamento psicológico não exige a continuidade de um processo, facultando à pessoa que a procure se e quando julgar necessário, como no caso das 13 pessoas que retornaram. Análises mais longitudinais poderão corroborar tal hipótese.

Concomitantemente à atenção prestada à comunidade acadêmica, notou-se a relevância da prática para a formação dos alunos do curso de Psicologia da universidade, que passam pelo projeto extensão como plantonistas, sendo que, segundo Morato (2006), há o desenvolvimento de uma “*atitude clínica*” (grifo da autora, p. 7), cujo aluno-plantonista aprimora a sensibilidade e a capacidade de proporcionar escuta àquele que sofre. Com isso, a vivência do atendimento permite que o aluno experiencie detalhes da conversa, do observar quem está sendo atendido, aprendendo, então, a “acolher o que vier, como vier, no momento que vier” (Evangelista, 2016b).

Considerações finais

O Plantão Psicológico no Serviço de Psicologia Aplicada da FAFICH UFMG foi reimplantado em 2019, após quase 3 anos sem ele na UFMG, em função da aposentadoria do professor que o coordenava. Trata-se de um importante serviço de atenção psicológica à comuni-

dade universitária – alunos, professores, técnicos e terceirizados. Também tem se revelado uma importante experiência na formação clínica dos graduandos em Psicologia, que encontram nele a oportunidade de entrarem em contato com o sofrimento psicológico da comunidade e descobrirem as potências e os limites da intervenção psicológica, além de cotejarem teoria e prática. Reaberto em 2019, no formato descrito, propiciou, ao longo de 7 meses, 167 atendimentos à comunidade, que, na sua ausência, teria que aguardar em fila de espera para atendimento no serviço de psicologia aplicada ou procurar outro serviço.

O período analisado é breve, mas a quantidade de atendimentos realizados é indicativa de que havia demanda represada por essa modalidade de atenção psicológica. Estudos posteriores, que comparem esses dados com outros períodos, podem lançar nova luz na especificidade da demanda da comunidade acadêmica por esse tipo de intervenção psicológica, assim como sobre meios de ampliar sua oferta e torná-la mais correspondente às demandas.

É importante ressaltar que, nessa pesquisa, não abarcamos a quantidade de alunos de graduação e de pós-graduação em suas respectivas unidades e departamentos acadêmicos nos quais se inserem na universidade. Esses dados poderiam levar os leitores a interpretar as unidades acadêmicas como potencializadoras de sofrimento psicológico. Tal interpretação buscaria causas para o sofrimento psicológico e isso subverteria a lógica do Plantão Psicológico de lidar com as potencialidades atuais daquele que procura o atendimento para lidar com sua situação e não buscar hipotéticas causas objetivas para sua situação.

Assim, a potencialidade do Plantão Psicológico como um dispositivo de atenção psicológica e de formação para os graduandos em Psicologia tem sido confirmada na experiência iniciada em nossa universidade. Nela, o Plantão Psicológico explicita a fundamental articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Quedam dúvidas sobre como aproximar professores e funcionários do serviço, dado que também vivenciam sofrimento psicológico e podem se beneficiar dos atendimentos psicológicos.

REFERÊNCIAS

- Amatuzzi, M. (2001). *Por uma psicologia humana*. São Paulo: Alínea Editora.
- Amorim, F. B. T.; Andrade, A. B.; Branco, P. C. C. (2015). Plantão psicológico como estratégia de clínica ampliada na atenção básica em saúde. *Contextos Clínicos*, 8(2), 141-152. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2015.82.03>.
- Ariño, D. O.; Bardagi, M. P. (2018). Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. *Psicologia em Pesquisa*, 12(3), 44-52. Disponível em: [Recuperado de] http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472018000300005&lng=pt&nrm=iso.
- Aun, H. (2005). *Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-28072007-170628/publico/dissertacaoHELOAUN.pdf>.
- Barroso, S. M.; Oliveira, N. R.; Andrade, V. S. (2019). Solidão e depressão: Relações com características pessoais e hábitos de vida em universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35427. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35427>.

Borges, M. V. V. (2020). *Aconselhamento psicológico como uma possibilidade de cuidado a estudantes de uma universidade pública*. Monografia de conclusão de curso de Especialização em Psicologia Clínica da UFMG, Belo Horizonte, Brasil.

Braga, T.; Mosqueira, S.; Morato, H. T. P. (2012). Cartografia clínica em plantão psicológico: Investigação interventiva num projeto de atenção psicológica em distrito policial. *Temas em Psicologia*, 20(2), 555-569. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2012.2-20>.

Brasil, C. C. P.; Batista, M. H.; Melo, A. K. S.; Ibiapia, F. L. P.; Brilhante, A. V. M.; Silva, R. M. (2016). O contexto da docência e sua influência no sofrimento psíquico de professoras do ensino fundamental. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 29(2), 180-188. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/5174>.

Breschiagliari, J. O.; Jafelice, G. T. (2015). Plantão psicológico: Ficções e reflexões. *Psicologia: ciência e profissão*, 35(1), 225-237. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000112014>.

Brown, J. (2018). Student mental health: Some answers and more questions. *Journal of Mental Health*, 27(3), 193-196. <https://doi.org/10.1080/09638237.2018.1470319>.

Carvalho, E. A.; Bertolini, S. M. M. G.; Milani, R. G.; Martins, M. C. (2015). Índice de ansiedade em universitários ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 14(3), 1290-1298. <https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v14i3.23594>.

Cerchiarri, E. A. N.; Caetano, D.; Faccenda, O. (2005). Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(2), 252-265. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000200008>.

CISME/UFMG (2016). *Relatório conclusivo da comissão instituída pelo reitor para constituir uma agenda de discussão e propor diretrizes para uma política institucional de saúde mental no âmbito da UFMG 2016*. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Relatorio%20da%20Comiss%E3o%20de%20Saude%20Mental%20da%20UFMG%2010-03-17.pdf>.

Costa, L.S.T.; Gil-Monte, P.R.; Possobon, R.F.; Ambrosano, G.M.B. (2013). Prevalência da Síndrome de Burnout em uma amostra de professores universitários brasileiros. *Psicologia: Reflexão e Crítica [online]*, 26(4), pp. 636-642. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400003>.

Coulon, A. (2017). O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. *Educação e Pesquisa [online]*, 43(4), 1239-1250. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201710167954>.

Eisenlohr, M. G. V. (1999). Serviço de aconselhamento psicológico do IPUSP: Breve histórico de sua criação e mudanças ocorridas na década de 90. In: *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo

Evangelista, P. E. R. A. (2016a). Temporalidade kairológica do dasein e plantão psicológico. In: P. Evangelista, H. Morato, & P. Milanese. (Orgs.), *Fenomenologia existencial e prática em psicologia: alguns estudos* (pp. 147-158). Rio de Janeiro: Via Verita.

Evangelista, P. E. R. A. (2016b). *Psicologia fenomenológica existencial: a prática psicológica à luz de Heidegger*. Curitiba: Juruá.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*, 4. ed. São Paulo: Atlas.

Gomes, C.; Comonian, J. O.; Araújo, C. L. (2018). Sofrimento psíquico na universidade: Uma análise dos sentidos configurados por acadêmicos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(2), 255-266. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v7i2.1909>.

Lameu, J. N.; Salazar, T. L.; Souza, W. F. (2016). Prevalência de sintomas de stress entre graduandos de uma universidade pública. *Psicologia da Educação*, (42), 13-22. <https://dx.doi.org/10.5935/2175-3520.20150021>.

Lim, M. F. E. M.; Lima-Filho, D. O. (2009). Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. *Ciências & Cognição*, 14(3), 62-82. Disponível em: <http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/253>.

Luna, S. V. (2011). *Planejamento de pesquisa: Uma introdução*, 2 ed. São Paulo: EDUC.

Mahfoud, M. (2012). A vivência de um desafio: Plantão psicológico. In: M. Mahfoud (Org.), *Plantão Psicológico: Novos Horizontes*, 2a ed. (pp. 17-30). São Paulo: EPU.

Mahfoud, M. (2013). Desafios sempre renovados: Plantão psicológico. In: M. A. Tassinari, A. P. Cordeiro, & W. T. Durange (Orgs.), *Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa*. Curitiba: Editora CRV.

Mahfoud, M. (2018). Subjetividade como acontecimento, centro pessoal e plantão psicológico: Horizontes reabertos. In: J. P. Giovanetti (Org.), *Fenomenologia e psicologia clínica* (pp. 53-71). Belo Horizonte: Artesã.

Massa, L. D. B.; Silva, T. S. S.; Sá, I. S. V. B.; Barreto, B. C. S.; Almeida, P. H. T. Q.; Pontes, T. B. (2016). Síndrome de Burnout em professores universitários. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 27(2), 180-189. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v27i2p180-189>.

Matta, A. H. A.; Câmara, V. M. S.; Bonadiman, H. L. (2019). Análise do mal-estar do estudante na perspectiva do perfil da clientela e das queixas acolhidas no atendimento psicológico de uma universidade federal. *Humanidades & Inovação*, 6(8), 48-58. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1249>.

Morato, H. T. P. (2006). Pedido, queixa e demanda no plantão psicológico: Querer poder ou precisar? In *VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição – Psicologia e Políticas Públicas*. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo.

Morato, H. T. P. (2009). Plantão psicológico: Inventividade e plasticidade. In *IX Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições – Atenção Psicológica: fundamentos, pesquisa e prática*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia. Disponível em: <https://laclife.files.wordpress.com/2009/10/click-na-figura-para-baixar-o-artigo-de-henriette.pdf>.

Morato, H. T. P. (2015). *Por entre plantão psicológico e ação cartográfica clínica pelos “Caminhos de Floresta”* (Tese de Livre-Docência). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Nunes, A. P.; Morato, H. T. P. (2008). A práxis clínica de um laboratório universitário como aconselhamento psicológico. *Boletim de Psicologia*, 58(128), 73-84. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000100006

Nunes, A. P.; Morato, H. T. P. (2020). O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, 26(1), 2-12. <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.1>.

Penha, J. R. L.; Oliveira, C. C.; Mendes, A. V. S. (2020). Saúde mental do estudante universitário: Revisão integrativa. *Journal Health NPEPS*, 5(1), pp. 369-395. <http://dx.doi.org/10.30681/252610103549>.

Peres, R. S.; Santos, M. A.; Coelho, H. M. B. (2004). Perfil da clientela de um programa de pronto-atendimento psicológico a estudantes universitários. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 47-54. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000100007>.

Perez, K. V.; Brun, L. G.; Rodrigues, C. M. L. (2019). Saúde mental no contexto universitário: Desafios e práticas. *Trabalho (En)Cena*, 4(2), pp. 357-365. [10.20873/25261487V4N2P357](https://doi.org/10.20873/25261487V4N2P357).

Pinho, R. (2016). Caracterização da clientela de um programa de atendimento psicológico a estudantes universitários. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 6(1), 114-130. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262016000100006&lng=es&tlng=pt.

Pompeia, J. A.; Sapienza, B. T. (2004). Uma caracterização da psicoterapia. In: J. A. Pompeia & B. T. Sapienza (Orgs.), *Na presença do sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas* (pp. 153-170). São Paulo: EDUC.

Rebouças, M. S. S.; Dutra, E. (2010). Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(1), 19-28. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004.

Rios, M. G. V.; Mascarenha, L. V. R.; Souza, K. S.; Olebar, D. T. C. R.; Paiva, M. C. E.; Silveira, A. O. (2019). Adoecimento e sofrimento psíquico entre universitários: Estado da arte. *Humanidades & Inovação*, 6(8), 23-31. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1259>.

Schmidt, M. L. S. (2004). Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. *Estudos de Psicologia*, 21(3), 173-192. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000300003>.

Schmidt, M. L. S. (2015). Aconselhamento psicológico como área de fronteira. *Psicologia USP*, 26(3), 407-413. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140033>

Sena, B. A. C.; Lima, A. I. O. (2021). O sofrimento mental e a docência de ensino superior em enfermagem. *Psicologia e Saúde em Debate*, 7(1), 241-255. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V7N1A17>

Souza, A. C.; Bartilotti, C. B. (2018). *Perfil das pessoas inscritas e atendidas no serviço de Psicologia da UNISUL*. Monografia de Conclusão de Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/bitstream/>

handle/12345/8926/Perfil%20das%20pessoas%20inscritas%20e%20atendidas%20no%20
Servi%C3%A7o%20de%20Psicologia%20da%20UNISUL.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

Souza, S. R.; Coelho, H. M. B.; Migliorini, W. J. M. (2015). Estudo descritivo sobre a demanda de um pronto-atendimento psicológico em um serviço-escola. *Colloquium Humanarum*, 12(Especial), 1624-1634. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2015/suplementos/area/Humanarum/Psicologia/ESTUDO%20DESCRITIVO%20SOBRE%20A%20DEMANDA%20DE%20UM%20PRONTO-ATENDIMENTO%20PSICOL%C3%93GICO%20EM%20UM%20SERVI%C3%87O-ESCOLA.pdf>.

Tostes, M. V.; Albuquerque, G. S. C.; Silva, M. J. S.; Petterle, R. R. (2018). Sofrimento mental de professores do ensino público. *Saúde em Debate [online]*, 42(116), 87-99. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811607>.

Universidade Federal de Minas Gerais. (2020). *UFMG em números*. <https://ufmg.br/a-universidade/apresentacao/ufmg-em-numeros>.

Vieira, E. M.; Boris, G. D. J. B. (2012). O plantão psicológico como possibilidade de interlocução da psicologia clínica com as políticas públicas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(3), 883-896. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300010.

DATA DE SUBMISSÃO: 18/05/2021

DATA DE ACEITE: 10/05/2022